DINIS SANTOS

TRABALHO NÃO MATA, MAS VAI TENTANDO!



DINIS SANTOS

TRABALHO NÃO MATA, MAS VAI TENTANDO!

Guia Laboral em Crónicas Humorísticas

Do Autor:

Viajando pelos Alpes | Crónicas Humorísticas de uma Viagem em Família, 2024

Viajando pelos Alpes II | Crónicas Humorísticas de uma Viagem em Família, 2025

NÃO SEI ONDE ESTÁ, PERGUNTA À TUA MÃE! | Crónicas Humorísticas, 2024

OH, POR AMOR DE DEUS! | Crónicas Humorísticas, 2025

Título: TRABALHO NÃO MATA, MAS VAI TENTANDO!
Autor: Dinis Santos
Direitos Reservados: © Dinis Duarte Santos
Coordenação: Tatiana Leote e Dinis Santos
Paginação: Dinis Santos
Ilustração: Dinis Santos
Capa: Dinis Santos
1ª Edição, 2026
ISBN: 9789403963419
Nutcase Tales

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

Dedicado a todos os que trabalham

Àqueles que dão o melhor de si, mesmo quando o melhor que recebem é mais trabalho.

Agradeço por continuarem a dar o vosso melhor, porque, no fim de contas, é graças a todos vós que isto tudo vai parecendo funcionar.

Dinis Santos

Índice de Crónicas

Parte 1: Bem-vindos ao maravilhoso mundo do trabalho

Mas quem é que inventou o trabalho?
Procuram-se pessoas dinâmicas
Felicidade com prazo de validade
Programa de acolhimento
A empresa não te quer ver sofrer
A roupa faz a pessoa
Urgente é o novo normal
A arte de complicar o que é simples
O admirável mundo dos que fingem que funciona
Aqui, todos somos uma família!
O aumento salarial e outras lendas urbanas
A burocracia dos sonhos adiados
Sair da zona de conforto
Sexta-feira é um estado de espírito

Parte 2: Espécies do ecossistema

A cadeia alimentar de uma empresa
O limite é o CEO
Chefe da manada
Lambe-botas
Predador de ideias alheias
Pavão corporativo
Camaleão organizacional
Pombo-correio de intriga
O *multitasker*
Hiena das promoções
Eterno Estagiário
Dinossauro pré-histórico
Sobrevivente do Apocalipse
O unicórnio

Parte 3: Técnicas de sobrevivência

Do mamute ao Microsoft Teams
A arte de mandar sem saber fazer
Culto da produtividade
Feedback Sandwich
Gamificação: trabalhar também dá pontos
A inteligência artificial e a estupidez natural
A religião dos *KPI*
Kaizen: hoje somos 1% melhores do que ontem
Metodologia *Agile* e outras formas de comunicar
A arte de transformar o nada em 40 slides
Brainstorming: pensar dá trabalho
Design Thinking: pensar fora da caixa
A gestão do tempo e o mistério das 24 horas
Liderança 4.0: perigosamente próximos

Parte 4: Trabalhar para viver, ou viver para trabalhar?

Quando crescer, quero ser reformado
A carreira é uma escada sem corrimão
O trabalhador do mês precisa de férias
O sucesso dos outros fica-te tão bem
A coragem de voltar à casa de partida
A arte de dizer não sem ser despedido
O salário emocional não paga a eletricidade
O *burnout* não é uma medalha de mérito
A vida começa depois das 18 horas
O teu cargo não cabe na tua lápide
RH: onde os recursos são humanos, mas a humanidade é opcional
No fim, era só trabalho
Vai trabalhar, malandro!

Prefácio

Há uma idade em que percebemos que passamos demasiado tempo a trabalhar para tão pouco tempo a viver. A descoberta não é particularmente original, mas tem a vantagem de se repetir todas as segundas-feiras.

O trabalho ocupa uma parte considerável da nossa existência. Dá-nos um salário, uma rotina, alguma autoestima e, em certos casos, uma razão bastante convincente para precisarmos de férias. Também nos oferece chefias inspiradoras, colegas inesquecíveis, reuniões intermináveis e uma quantidade surpreendente de expressões em inglês destinadas a explicar coisas que, em português, seriam muito mais fáceis de resolver.

Este livro nasce da observação desse admirável mundo laboral. Aqui encontrarás gestores que confundem liderança com a capacidade de falar durante quarenta minutos sem dizer nada, empresas que procuram pessoas dinâmicas para funções que exigem sobretudo paciência e trabalhadores que desenvolvem competências extraordinárias para sobreviver a ambientes que nunca deveriam ter exigido tanta sobrevivência.

O humor é uma boa ferramenta para olhar para estas contradições. Não resolve os problemas, mas permite-nos vê-los sem a solenidade com que tantas vezes nos são apresentados. E, quando bem aplicado, tem uma vantagem sobre muitas ações de formação: consegue explicar uma verdade incómoda sem precisar de uma apresentação com cinquenta diapositivos.

Estas crónicas não pretendem ensinar-te a ser um trabalhador melhor, um líder mais eficaz ou um profissional mais competitivo. Para isso, já existem consultoras, manuais de gestão e publicações no LinkedIn escritas por pessoas que acordam às cinco da manhã para explicar que o segredo do sucesso é acordar às cinco da manhã.

Pretendem, isso sim, convidar-te a olhar para o trabalho com algum distanciamento, espírito crítico e sentido de humor. Porque há coisas que merecem ser levadas a sério, como a

dignidade, a competência, a justiça e o respeito por quem trabalha. E há outras que merecem ser levadas menos a sério, como a ideia de que uma equipa se torna mais produtiva por mudar o nome de uma reunião ou de que a felicidade profissional depende de colocarmos a palavra resiliência no currículo.

É possível que te rias dos outros. É desejável que também te rias de ti. O humor perde parte da sua inteligência quando só serve para confirmar que os idiotas são sempre os outros.

Não te preocupes. Este livro não faz avaliações de desempenho. Podes lê-lo fora do horário de trabalho. Podes interromper a leitura a meio de uma crónica. Podes até não retirar qualquer aprendizagem, desde que retires algum prazer.

Por isso, entra. Lê. Ri-te.

E, se estiveres a ler isto no escritório, confirma primeiro se o teu chefe não está atrás de ti.

Bem-vindo a esta viagem humorística.

Dinis Santos

Parte 1

Bem-vindos ao maravilhoso mundo do trabalho



Mas quem é que inventou o trabalho?

Porquê?

Esta é uma pergunta que me faço com frequência, sobretudo às segundas-feiras, quando o despertador toca e percebo que a vida, afinal, não era bem aquilo que me tinham prometido.

Disseram-me que a vida é curta, que devemos aproveitar cada momento, que o tempo não volta atrás. Esqueceram-se apenas de acrescentar que, durante uma parte considerável desse tempo, estamos a fazer coisas para poder pagar as restantes. Ah, e que, pelo meio, há uma prestação da casa para pagar todos os meses, claro.

A vida é uma burla extraordinária, se me perguntarem. E profundamente genial. A vítima financia o crime..

O trabalho é uma atividade curiosa. É a única de que precisamos de férias para recuperar. Ninguém passa duas semanas a ver o mar e regressa a casa a precisar de descansar da experiência. Ninguém volta de um fim de semana a comer leitão com a sensação de que precisa de uns dias para recuperar do excesso de felicidade.

Mas experimentem trabalhar onze meses e, no décimo segundo, pedir uns dias para recuperar a vontade de continuar. Chamam-lhe férias... Parece generoso!

O mais extraordinário, no entanto, é não sabermos quem inventou o trabalho.

A História regista reis, guerras, impérios e a descoberta da penicilina. Regista homens que atravessaram oceanos, conquistaram territórios e decidiram o destino de milhões de pessoas. Mas ninguém sabe quem foi o primeiro indivíduo a olhar para outro e dizer:

— A partir de amanhã, apresentas-te aqui às nove.

É uma falha documental gravíssima. Há civilizações que construíram pirâmides para enterrar os mortos, e nós nem sequer sabemos quem foi o primeiro a enterrar os vivos numa folha de cálculo.

Imagino que tudo tenha começado com uma coisa simples. Um homem tinha uma cabra. Outro queria a cabra. O primeiro propôs uma troca. Até aqui, nada contra. A economia é uma forma sofisticada de evitar que as pessoas andem à pancada por causa de cabras. O problema começou quando alguém perguntou ao dono da cabra o que fazia durante o dia.

— Nada. Tenho uma cabra.

— Nada? E qual é o seu objetivo profissional?

— Não deixar a cabra morrer.

— Estou a ver. E onde se imagina daqui a cinco anos?

— Com duas cabras e menos perguntas.

Nesse preciso momento, já era tarde. A conversa tinha entrado no terreno da gestão.

A cabra deixou de ser uma cabra. Passou a ser um ativo. O homem deixou de ser um pastor. Passou a ser um empreendedor agropecuário. E alguém, algures, começou a preparar um estudo de viabilidade para perceber se a cabra tinha potencial de crescimento.

É assim que a civilização funciona: descobrimos uma necessidade, inventamos uma solução e, pouco depois, criamos três profissões para gerir a complexidade da solução. Por fim, contratamos alguém para avaliar se essas profissões estão a produzir resultados satisfatórios.

O trabalho tornou-se tão importante que já não basta fazê-lo. É preciso gostar dele.

Antigamente, uma pessoa trabalhava porque precisava de dinheiro. Era uma relação honesta. Eu dou-te o meu tempo, tu dás-me dinheiro. Nenhum de nós finge que isto é uma história de amor. Agora, o trabalho tem de ser uma paixão.

A empresa não quer apenas o teu tempo, a tua competência e a tua disponibilidade. Quer o teu coração.

A paixão profissional é uma ideia brilhante, sobretudo para quem paga salários. Convence-se uma pessoa de que aquele emprego é a sua vocação e, de repente, ela começa a oferecer horas gratuitamente, a responder a mensagens à noite e a agradecer as oportunidades de crescimento que lhe estão a roubar o tempo para ver os próprios filhos crescer.

Chamamos-lhe compromisso. Na prática, é uma dependência emocional com subsídio de alimentação.

E há toda uma indústria dedicada a melhorar esta relação. Especialistas em felicidade laboral ensinam-nos a cultivar gratidão. Consultores de bem-estar recomendam exercícios de respiração para sobreviver a condições de trabalho que talvez devessem ser corrigidas antes de alguém começar a respirar para dentro de um saco de papel.

— Respire fundo. Foque-se no presente. Identifique três coisas pelas quais está grato.

É fácil respirar fundo quando o problema dos outros é o teu modelo de negócio.

Entretanto, ninguém parece achar estranho passarmos quarenta anos a fazer alguma coisa para, um dia, podermos deixar de a fazer.

É para isso que serve a reforma: uma promessa de liberdade futura, cuidadosamente marcada para uma idade em que os joelhos já não colaboram, as costas têm opiniões políticas muito próprias e levantar-nos do sofá exige uma reunião preparatória com a coluna vertebral.

Durante décadas, acumulamos dinheiro para comprar tempo. Depois, quando finalmente temos tempo, estamos demasiado cansados para o gastar. É como passar a vida a poupar para uma viagem e, quando chega o dia de partir, descobrir que o destino é a sala de espera de uma consulta de ortopedia.

A reforma é o cartão de fidelização da existência. Ao fim de quarenta anos de compras, recebe uma vida. Sujeita a disponibilidade, naturalmente.

E não é que, entretanto, inventámos máquinas para fazer o trabalho por nós? Máquinas de lavar, computadores, robôs, aplicações para tudo. Cada invenção prometia libertar-nos das tarefas repetitivas. O futuro seria maravilhoso: menos esforço, mais tempo, uma humanidade finalmente disponível para pensar, passear, ler, amar e descobrir o verdadeiro sentido da existência.

A humanidade olhou para a oportunidade e decidiu aumentar a carga de trabalho.

É difícil não admirar a espécie. Damos um martelo a um homem para que deixe de partir pedras com a mão e, quando ele aprende a partir dez vezes mais pedras, contratamos alguém para avaliar a produtividade e exigir que parta onze.

De seguida, inventámos a inteligência artificial e a primeira pergunta que fizemos foi: "Como podemos produzir mais?".

Mais relatórios. Mais apresentações. Mais mensagens. Mais conteúdos. Mais reuniões sobre os conteúdos. Mais relatórios a avaliar as apresentações que resultaram das reuniões..

A possibilidade de reduzir o trabalho foi imediatamente interpretada como a possibilidade de aumentar a quantidade de trabalho que cabe no mesmo dia.

Já não estamos a tentar poupar trabalho. Estamos a tentar eliminar qualquer intervalo em que uma pessoa possa reparar que está viva.

A tecnologia não veio substituir o trabalho. Veio substituir as desculpas que tínhamos para não fazer mais.

E assim chegámos ao ponto em que até o tempo livre tem de ser produtivo. Vamos ao ginásio para otimizar o corpo. Lemos para desenvolver competências. Viajamos para colecionar experiências. Cozinhamos refeições saudáveis para maximizar a energia. Dormimos oito horas porque um especialista nos explicou que dormir menos prejudica o desempenho.

Já não dormimos. Fazemos manutenção.

O ser humano transformou-se numa empresa de si próprio, com despesas de funcionamento elevadas, resultados trimestrais dececionantes e uma administração que nunca tira férias.

Às vezes, ao domingo à noite, dou por mim a pensar que devia aproveitar melhor o fim de semana. Podia ler, passear, estar com os amigos, fazer alguma coisa de que gostasse. Em vez disso, passo o domingo preocupado com a segunda-feira e a segunda-feira preocupado com o tempo que não aproveitei no domingo.

É um sistema perfeito. Nem sequer precisamos de estar a trabalhar para que o trabalho nos estrague o descanso. Basta saber que ele vem aí.

Convém esclarecer uma coisa: não estou a defender uma civilização em que ninguém trabalha. A sociedade dificilmente funciona se ninguém produzir alimentos, tratar de doentes, recolher o lixo ou reparar a canalização. Seria uma experiência interessante, mas breve.

Há trabalhos necessários. Há pessoas que gostam do que fazem. Há profissões que dão sentido à vida e tarefas que nos fazem sentir úteis. Não há nada de errado nisso.

O que me intriga é termos conseguido transformar a necessidade de trabalhar na obrigação de gostar de trabalhar e, depois, numa medida do valor humano.

Precisamos de fazer coisas. Não precisamos de fazer de conta que o nosso emprego é o sentido da vida.

Quanto ao inventor do trabalho, continuo à espera que apareça. Gostava de lhe perguntar se imaginava que um dia haveria pessoas a responder a mensagens profissionais durante as férias, a justificar a necessidade de descansar e a sentir que deviam pedir desculpa por não estarem permanentemente disponíveis.

Se foi um acidente, talvez o possamos perdoar. Se foi deliberado, espero que tenha passado os últimos anos da vida a preencher formulários para pedir autorização para mudar de carreira. Seria justo.

Mas há uma última hipótese, muito mais inquietante: a de ninguém ter inventado o trabalho.

A de termos sido nós, coletivamente, a construir um sistema tão absurdo que já não conseguimos imaginar uma alternativa. Herdámos as regras, repetimos os gestos e ensinámos os nossos filhos a fazer o mesmo. Explicamos-lhes que têm de estudar para conseguir um bom emprego, conseguir um bom emprego para ganhar dinheiro, ganhar dinheiro para ter uma boa vida e ter uma boa vida para, um dia, quando já estiverem demasiado cansados, poderem finalmente aproveitá-la.

E chamamos a isto preparar alguém para o futuro.

Talvez o verdadeiro problema não seja o trabalho. Talvez seja a incapacidade de imaginar uma vida em que o trabalho não tenha de ocupar todo o espaço disponível. Uma vida em que possamos fazer o que é necessário sem transformar cada minuto numa oportunidade de produzir, cada pausa numa falha e cada pessoa num investimento com pernas.

Nesse caso, o inventor não tem nome. Temos todos uma quota-parte da culpa. O que é péssimo, porque significa que amanhã temos de nos levantar para ir trabalhar e, depois do trabalho, arranjar tempo para resolver o problema que nós próprios criámos.

Pelo menos, podemos chamar-lhe desenvolvimento pessoal.



Procuram-se pessoas dinâmicas

Há anúncios de emprego que não procuram um trabalhador. Procuram uma solução para o inconveniente de terem contratado seres humanos.

"Procuram-se pessoas dinâmicas…".

Soa bem. Parece um anúncio para recrutar bailarinos, mas, na verdade, também se aplica a um departamento de contabilidade. O que a empresa quer dizer é que precisas de fazer o trabalho de ontem, adaptar-te à mudança de amanhã e agradecer a oportunidade de não saberes o que vais fazer no dia seguinte.

O mercado de trabalho deixou de contratar pessoas para contratar possibilidades. Já não chega saberes fazer alguma coisa. Tens de demonstrar potencial para fazer outras coisas que ainda não existem, com ferramentas que ainda não foram inventadas, sob a supervisão de alguém que também não sabe muito bem o que está a acontecer.

É a empregabilidade contemporânea: exigem-te experiência no futuro.

Antigamente, procurava-se um contabilista. Hoje, procura-se um profissional dinâmico, resiliente, proativo, com pensamento crítico, inteligência emocional, capacidade de adaptação, espírito de equipa e apetência para ambientes